


# INTOXICAÇÃO EM GATOS ATENDIDOS EM UM HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO: análise retrospectiva de 2010 a 2021

## *Intoxication in cats attended in a veterinary teaching hospital of São Paulo city: a retrospective analysis from 2010 to 2021*

Raquel Gomes Catozo<sup>1\*</sup>, Julia Freitas de Paula<sup>1</sup>, Lucas Rodrigues de Lima<sup>1</sup>,  
Helenice de Souza Spinosa<sup>2</sup> 

\*Autor Correspondente: Raquel Gomes Catozo, Rua Ponte Serrada, 18, Itaquera, São Paulo, SP, Brasil. CEP: 08290-595.

E-mail: raquelcatozo@usp.br

**Como citar:** CATOZO, R. G. *et al.* Intoxicação em gatos atendidos em um hospital veterinário universitário da cidade de São Paulo: análise retrospectiva de 2010 a 2021. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 20, n. 1, e38329, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36440/recmvz.v20i1.38329>.

**Cite as:** CATOZO, R. G. *et al.* Intoxication in cats attended in a veterinary teaching hospital of São Paulo city: a retrospective analysis from 2010 to 2021. **Journal of Continuing Education in Veterinary Medicine and Animal Science of CRMV-SP**, São Paulo, v. 20, n. 1, e38329, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36440/recmvz.v20i1.38329>.

### Resumo

O aumento da população pet no Brasil causou maior proximidade da convivência de gatos com o ser humano e a falta de conhecimento do proprietário quanto às particulares felinas pode favorecer a ocorrência de toxicoses. Assim, o presente estudo apresenta as principais causas de intoxicações em gatos registrados no Hospital Veterinário (Hovet) da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), no período de janeiro de 2010 a dezembro de 2021. Os resultados mostraram que a frequência de ocorrência anual de casos de intoxicações em gatos variou de 0,71% (5/704) a 2,68% (9/336), e os principais agentes responsáveis por intoxicações foram os praguicidas anticolinesterásicos, como carbamatos e organofosforados (50% - 48/96), e os medicamentos, em particular, os anti-inflamatórios não esteroidais (31,25% - 30/96). Houve casos em que não foi identificada a substância envolvida (7,29% - 7/96), o que dificulta a abordagem terapêutica. Nestes casos, é importante a realização do diagnóstico diferencial das possíveis causas de intoxicação de acordo com os sinais e histórico clínico, bem como a colheita de amostras para análise toxicológica.

1 Discente, Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, São Paulo, SP, Brasil

2 Docente, Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Departamento de Patologia Animal, São Paulo, SP, Brasil



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Em casos de urgência, devem ser inicialmente instituídas as medidas destinadas à manutenção das funções vitais do animal, e, posteriormente, de suporte ao animal.

**Palavras-chave:** Emergência. Praguicidas. Toxicidade. Toxicologia. Toxicose.

## Abstract

The increase in the pet population in Brazil with the greater proximity of the coexistence of cats with humans and the owner's lack of knowledge about feline particulars can favor the occurrence of toxicosis. Thus, the present study performs a retrospective survey of poisoning in cats registered by the Daily Care Records of cats received at the Veterinary Hospital (Hovet) of the School of Veterinary Medicine and Animal Science at the University of São Paulo (FMVZ-USP), from January 2010 to December 2021. The results showed that the annual occurrence of cases of poisoning in cats ranged from 0.71% (5/704) to 2.68% (9/336), and the main agents responsible for poisoning were anticholinesterase pesticides, such as carbamates and organophosphates (50% - 48/96), and medications, in particular, non-steroidal anti-inflammatory drugs (31,25% - 30/96). There were also cases in which it was not possible to identify the substance involved (7.29% - 7/96), which makes the therapeutic approach difficult. In these cases, it is important to make a differential diagnosis to potential cases of intoxication according to clinic signs and clinic history, in addition to collecting samples for toxicologic analysis. In urgent cases, measures must be used to maintain the animal's vital functions and, later, supportive measures for the animal.

**Keywords:** Emergency. Pesticides. Toxicity. Toxicology. Toxicosis.

## Introdução

A exposição de animais a substâncias potencialmente tóxicas é comum, porém, o diagnóstico das intoxicações ainda é um grande desafio para o profissional veterinário. Embora o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox) disponibilize informações sobre intoxicações em cães e gatos, o foco principal é voltado para a Medicina Humana. Considerando os últimos dados publicados pelo Sinitox, os registros de intoxicações em humanos variaram de 95,2% (91.203/95.777) a 95,9% (97.398/101.608), em animais de 1,1% (846/79.880) a 1,7% (1.668/95.777) e de solicitação de informações (por meio de contato telefônico) de 3,0% (2.906/95.777) a 3,7% (2.919/79.880) – (SINITOX, 2022). Deve ser destacado que os casos registrados de intoxicação animal publicados pelo Sinitox são feitos voluntariamente pelo médico-veterinário, uma vez que esse registro não é compulsório; portanto, a subnotificação de casos de intoxicação em animais é um fato a ser considerado.

A Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet) observou que no período de 2018 – 2019 houve crescimento médio acumulado de 1,7% da população pet (cães 55,1 milhões; gatos 24,7 milhões), sendo que o crescimento acumulado da população de gatos foi maior, chegando a 3% (ABINPET, 2020). O aumento da população pet e a proximidade da convivência do ser humano com o animal de estimação, que passou a ser um membro da família, favoreceu a ocorrência de toxicoses. O conhecimento das causas mais frequentes de intoxicação pode facilitar o diagnóstico e permitir uma abordagem terapêutica sistematizada, evitando assim a perda de tempo em situações emergenciais e aumentando a probabilidade de sucesso do tratamento e contribuindo para o estabelecimento de medidas preventivas destinadas a evitar novos casos de intoxicação, pois o proprietário é conscientizado do risco de exposição a determinados agentes.

O presente trabalho efetuou um levantamento retrospectivo dos casos de intoxicação em gatos registrados no Hospital Veterinário (Hovet) da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), localizado na cidade de São Paulo, no período de janeiro de 2010 a dezembro de 2021, visando aprimorar o diagnóstico, o estabelecimento de medidas terapêuticas específicas para preservar a vida do animal e a prevenção da ocorrência de novos casos.

## Materiais e Métodos

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética no Uso de Animais (Ceua), protocolo 1684260521. Foi realizado o levantamento retrospectivo de todos os Registros de Atendimento Diário do Serviço de Clínica Médica de gatos recebidos no Hovet da FMVZ-USP com histórico de intoxicação, durante o período de janeiro de 2010 a dezembro de 2021. A análise dos Registros de Atendimento de gatos (*Felis catus*) adotou, como critério de inclusão, a condição do animal ter apresentado suspeita ou confirmação de intoxicação por meio da anamnese ou de exames auxiliares. Foi realizada análise estatística da distribuição dos dados de intoxicação dos agentes causadores tabulados em MS Excel 2016.

## Resultados e Discussão

A Tabela 1 mostra que o número total de Registros de Atendimento do Hovet, analisados no período de 2010 a 2021, foi de 6.312 felinos, dos quais 96 casos foram com suspeita de intoxicação, representando 1,52% dos casos clínicos. A ocorrência de casos de intoxicações em gatos variou no período analisado de 0,71% (5/704, no ano de 2011) a 2,68% (9/336, no ano 2019).

**Tabela 1** – Número total de atendimento e número de casos de intoxicação em gatos atendidos no Hospital Veterinário (Hovet) da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), São Paulo, SP, no período de 2010 a 2021

Ano	Nº total de atendimento em felinos	Felinos atendidos com suspeita de intoxicação	
		Nº	%
2010	758	8	1,05
2011	704	5	0,71
2012	759	8	1,05
2013	575	6	1,04
2014	587	14	2,39
2015	523	9	1,72
2016	575	8	1,39
2017	538	8	1,49
2018	440	10	2,50
2019	336	9	2,68
2020	135	2	1,48
2021	382	9	2,36
<b>Total</b>	<b>6.312</b>	<b>96</b>	<b>1,52</b>

† Fonte: Catozo *et al.* (2022).

Os três anos com maior frequência de ocorrência de casos suspeitos de intoxicação em gatos foram: ano de 2019 (2,68% – 9/336), ano de 2018 (2,50% – 10/440) e ano de 2014 (2,39% –

14/587). No ano de 2020, houve o menor número de atendimentos de felinos no Hovet (135 casos), bem como de suspeita de intoxicação (2 casos – 1,48%), devido ao fechamento do hospital durante a pandemia da Covid-19. Embora as informações disponíveis sobre a ocorrência de intoxicação em animais e, em particular, em gatos, seja limitada, Medeiros *et al.* (2009), em estudo retrospectivo dos casos de intoxicação em cães e gatos atendidos em um Hospital Veterinário do Rio de Janeiro, durante o período de março de 2002 a março de 2008, observaram que, dos 15.556 casos atendidos, 101 (0,65%) foram de intoxicação em cães e gatos, dos quais os gatos corresponderam a apenas 14 casos (0,09%). No presente estudo, a análise retrospectiva de 11 anos revelou que a ocorrência média de intoxicação em gato foi superior a registrada no Hospital Veterinário do Rio de Janeiro, com o valor de 1,52% (96/6.312).

Do total de gatos atendidos com suspeita de intoxicação no Hovet-SP, 2010 a 2021, 66,7% (64/96) eram machos e 33,3% (32/96) eram fêmeas; considerando-se a idade, dos animais acometidos foi constatado que os casos registrados incluíram gatos com um e cinco anos de idade, média de 3,49 anos.

A Tabela 2 apresenta os casos de intoxicações em gatos atendidos no Hovet USP, São Paulo, no período de 2010 a 2021, de acordo com o agente tóxico envolvido. A análise desses registros revela que as duas maiores causas de intoxicação em gatos foram os praguicidas (50% - 48/96) e os medicamentos (31,25% - 30/96).

**Tabela 2** – Casos de intoxicações em gatos atendidos no Hospital Veterinário (Hovet) da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), São Paulo, SP, no período de 2010 a 2021, de acordo com o agente tóxico

AGENTE TÓXICO	ANO												TOTAL
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	
Praguicidas	5	2	2	4	7	5	5	5	4	4	0	5	<b>48</b>
Medicamentos	3	3	5	1	5	1	0	2	4	3	1	2	<b>30</b>
Plantas	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	<b>3</b>
Zootoxinas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	<b>2</b>
Domissanitários	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	<b>2</b>
Alimentos	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	<b>1</b>
Drogas de abuso	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	<b>1</b>
Outros	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	<b>2</b>
Desconhecido	0	0	1	1	2	1	0	1	1	0	0	0	<b>7</b>
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>14</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>2</b>	<b>9</b>	<b>96</b>

† Fonte: Catozo *et al.* (2022).

## Intoxicação por Praguicidas

Dentre os praguicidas, os 46 casos suspeitos ocorreram pela ingestão de “chumbinho”, tanto de forma acidental ao ser utilizado para controle de roedores, quanto de forma criminosa, fato relatado pelos proprietários devido a ocorrência de envenenamentos de gatos na vizinhança. “Chumbinho” é o nome popular de alguns praguicidas anticolinesterásicos (carbamatos e organofosforados) de uso agrícola, que são comercializados na forma de grânulos pretos, e ilegalmente usados como raticidas. Esses praguicidas inibem a atividade das enzimas colinesterases, causando acúmulo de acetilcolina nas sinapses colinérgicas e, conseqüentemente, sintomatologia neurológica (como prostração ou inquietação), náuseas, vômitos, diarreia, dispneia, tremores musculares, dentre outros sinais (MELO; OLIVEIRA; LAGO, 2002; XAVIER; RIGHI; SPINOSA, 2007).

Dois casos de intoxicação foram causados pelo inseticida de uso doméstico DDVP (organofosforado utilizado em jardinagem para combate de formigas, cupins e pulgões), em grande quantidade no local onde o gato vivia, acarretando a inalação e/ou ingestão do produto. Os sinais clínicos apresentados pelo gato foram desidratação, apatia, êmese, estado geral apático, tremores musculares, anorexia, adipsia, taquipneia e taquicardia.

Intoxicações em gatos causadas por praguicidas anticolinesterásicos, no Brasil, já foram relatadas por Medeiros *et al.* (2009), Melo, Oliveira e Lago (2002) e Xavier, Kogika e Spinosa (2002), os quais consideraram casos de intoxicação aqueles em que o agente tóxico foi identificado pelo proprietário e por meio da observação da sintomatologia manifestada pelo animal no momento do atendimento clínico, de maneira semelhante ao que foi adotado no presente estudo. Deve ser mencionado que a análise toxicológica, identificando a presença do agente tóxico no material biológico do animal intoxicado seria desejável nestas situações. Contudo, na maioria das vezes, os resultados toxicológicos não estão disponíveis no tempo apropriado para apoiar o diagnóstico e o tratamento subsequente. A análise toxicológica se torna indispensável nas situações de intoxicação de caráter criminoso, quando amostras biológicas são encaminhadas para laboratórios de análises toxicológicas (FUKUSHIMA *et al.*, 2015; GONÇALVES-JÚNIOR *et al.*, 2016).

## Intoxicação por Diferentes Classes de Medicamentos

Dentre os medicamentos, foram incluídos tanto aqueles comercializados como de uso humano (por exemplo, paracetamol) e os de uso veterinário (por exemplo, Maxicam® - meloxicam), bem como antiparasitários (ectoparasiticidas e endoparasiticidas) a base de piretroides, praziquantel, ivermectina e levamisol.

Os anti-inflamatórios não esteroidais (Aines - que apresentam também efeitos analgésico e antipirético), incluindo a dipirona (analgésico e antipirético), foram os medicamentos que apresentaram a maior incidência de intoxicação, com 13 casos, dos quais: cinco paracetamol, três meloxicam, dois dipirona, um ibuprofeno, um carprofeno e um de anti-inflamatório não identificado pelo proprietário.

A intoxicação por paracetamol foi causada pelo próprio tutor/responsável do animal que fez a administração da medicação, sem a orientação do médico-veterinário, ocasionando a intoxicação do animal. O paracetamol, em particular, é um medicamento contraindicado para gatos, pois eles apresentam deficiência na atividade de enzimas da família glicuroniltransferase e na via de sulfatação, o que favorece a formação de metabólitos reativos envolvidos na sua toxicidade: a necrose hepática e a formação de meta-hemoglobina (isto é, hemoglobina oxidada) (DORIGON; ALMEIDA; COSTA, 2013; SALLES-GOMES; GARCIA; SPINOSA, 2020). A formação de meta-hemoglobina impede o transporte do oxigênio pelos eritrócitos, e originar a formação do corpúsculo de Heinz, resultando em anemia hemolítica (DORIGON; ALMEIDA; COSTA, 2013; SALLES-GOMES; GARCIA; SPINOSA, 2020). Os sinais clínicos que podem ser observados na intoxicação por paracetamol em gatos são: cianose, depressão, icterícia,

edema de face e membros, taquipneia, dispneia, anorexia, prostração, êmese, hipotermia e hematúria (DORIGON; ALMEIDA; COSTA, 2013; SALLES-GOMES; GARCIA; SPINOSA, 2020).

A intoxicação pelo anti-inflamatório não esteroidal meloxicam (Maxicam®) se deve ao uso contínuo, ocasionando reações adversas, como gastrite medicamentosa, com a ocorrência de três casos. Os animais apresentaram êmese, apatia, anorexia e prostração.

A dipirona (ou metamizol), registrada em dois casos de intoxicação, é um derivado pirazolônico com efeitos analgésico, antipirético e espasmolítico que deve ser empregada com cautela em gatos; a biotransformação da dipirona em gatos, da mesma forma que o paracetamol, ocorre lentamente, de maneira que doses altas podem levar à intoxicação nessa espécie (SANTOS *et al.*, 2021; TEIXEIRA *et al.*, 2018). Dentre os sinais clínicos apresentados pelos animais é relatado: êmese, prostração, hematúria, ataxia e hipotermia.

O ibuprofeno e o carprofeno, Aines do grupo do ácido propiônico, apresentaram um caso de intoxicação cada, em que o último foi ingerido acidentalmente pelo gato e o tutor/responsável pelo animal o levou rapidamente ao hospital. Em geral, os gatos têm uma baixa tolerância aos Aines. Por exemplo, acredita-se que os gatos sejam pelo menos duas vezes mais sensíveis ao ibuprofeno do que os cães, e a ulceração gastrointestinal pode ocorrer em gatos expostos a 4 mg/kg de carprofeno (RIBOLDI; LIMA; DALLEGRAVE, 2012).

Foram relatados seis casos de intoxicações por piretroides devido ao uso do produto de uso veterinário Butox® (deltametrina – indicado como carrapaticida, mosquicida e sarnicida de uso externo, para ovinos, bovinos e equinos) e antipulgas. Os piretroides causam, principalmente, efeitos neurológicos de origem central e periférico em mamíferos e são considerados neurotóxicos capazes de provocar convulsões após a absorção oral, respiratória ou dérmica (MELO; OLIVEIRA; LAGO, 2002). Casos de intoxicação por sobredosagem dos ectoparasiticidas imidacloprida (dois casos – ectoparasiticida da classe dos neonicotinóides, causando prostração, tremor de cabeça, nistagmo, convulsão clônica hipotermia e icterícia) e por fipronil (dois casos – derivado dos fenilpirazóis, causando anorexia, êmese e fasciculações musculares) foram também atendidos, embora sejam inseticidas com ampla margem de segurança quando usados em cães e gatos (HOVDA; HOOSER, 2002).

Os casos de intoxicação em gatos por uso de medicação formulada para cães ou por sobredosagem atendidos no período de 11 anos no Hovet USP foram: praziquantel (três), ivermectina (dois), ciclosporina (um), cefalexina (um), levamisol (um) e associação medicamentosa (um – antimicrobiano, Aine e antidepressivo). Nestas situações os sinais foram inespecíficos, como prostração, hiporexia e hipotermia.

A intoxicação por cefalexina, em particular, merece destaque por se tratar de um antimicrobiano com ampla margem de segurança, mas que foi administrado em sobredosagem (cerca de 3 a 4 vezes a dose terapêutica) para um gato de quatro meses, cujos sinais clínicos foram êmese três horas após a primeira administração e, durante o atendimento do animal foi constatado hiporexia, ataxia, prostração e hipotermia. Sinais clínicos semelhantes foram observados por Kietzmann *et al.* (1992) em avaliação da tolerância e farmacocinética da cefalexina em gatos adultos tratados com altas doses do antimicrobiano.

## Intoxicação por Plantas Tóxicas

A intoxicação por plantas em gatos apresentou uma ocorrência de 3,13% (3/96), sendo causadas por *Polyscias sp* (árvore da felicidade), *Aloe vera* (babosa) e *Dieffenbachia seguine* (comigo-ninguém-pode).

Os sinais clínicos apresentados pelo gato que ingeriu *Polyscias sp* foram êmese, anorexia, hipotermia, taquicardia, taquipneia, desidratação e mucosas ictéricas. O gênero *Polyscias* possui mais de uma centena de espécies que são amplamente utilizadas para fins ornamentais e algumas possuem potencial valor medicinal (ASHMAWY *et al.*, 2020); em particular *Polyscias fruticosa*, popularmente chamada de árvore-da-felicidade, é de uso ornamental. Estudos fitoquímicos em espécies de *Polyscias* isolaram e identificaram

um total de 97 constituintes químicos, classificados como saponinas, esteróis, derivados do cianogênicos, dentre outros (ASHMAWY *et al.*, 2020). Os sinais clínicos observados no gato que consumiu a planta podem, em parte, ser atribuídos a presença de saponinas e derivados cianogênicos.

Na intoxicação por *Dieffenbachia seguine* (comigo-ninguém-pode), os sinais clínicos apresentados foram êmese com aspecto de clara de ovo e hematêmese, edema face e orelhas. Sua toxicidade ocorre devido a presença de saponinas, alcaloides, glicosídeos cianogênicos, cristais de oxalato de cálcio e ácido oxálico. Os cristais de oxalato de cálcio, o ácido oxálico e as proteases geram irritação da mucosa do estômago e liberação de histamina, causando estomatite (BILGILI; HANEDAN; UYSAL, 2020).

Na intoxicação causada por *Aloe vera* (babosa), os sinais clínicos apresentados pelo gato foram hematória, prostração, hiporexia e desidratação. Essa planta é rica em derivados antracênicos, os quais podem ser responsáveis pela sintomatologia apresentada pelo gato, de maneira semelhante a hepatite aguda e sintomas de cólica, náuseas e diarreia descritos em humanos que consumiram preparações orais de *A. vera* (FREITAS; RODRIGUES; GASPI, 2014).

## Intoxicação por Zootoxinas

Dentre as zootoxinas, há o registro de um de acidente ofídico e um por picada de marimbondo. O gato que sofreu o acidente ofídico veio a óbito antes da realização da anamnese. No caso da picada de marimbondo, os sinais clínicos apresentados pelo animal, foram angioedema na região cefálica e cervical, hiperemia ocular e hematoquezia, evoluindo para óbito devido a reação anafilática.

## Intoxicação por Domissanitários

Dentre os domissanitários, houve o registro de intoxicação por desinfetante (não identificado) e cresol, sendo que os animais apresentaram sialorreia com irritação da mucosa ocular em ambos os olhos e narinas avermelhadas. Quando cresol é absorvido, ele é biotransformado no fígado e excretado como glicuronídeos e conjugados com sulfatos na urina; os gatos são mais sensíveis a intoxicações por cresol devido à sua limitada capacidade de ação da enzima glicuroniltransferase, gerando neurotoxicidade e oxidação da hemoglobina (ANJOS; BRITO, 2009).

## Intoxicação por Alimentos

Na categoria dos alimentos, houve o registro de um caso de intoxicação por ingestão de cebola; os sinais clínicos que o animal apresentou foram convulsão tônico-clônica, hipotermia, mucosas congestas e desidratação moderada. A cebola tem como principal princípio ativo tóxico o n-propil dissulfito, um agente oxidante que promove a transformação da hemoglobina em meta-hemoglobina (FIGHERA *et al.*, 2002; SPINOSA; GÓRNIK, 2020). Os gatos são mais propensos à oxidação eritrocitária, pelo fato de sua hemoglobina possuir oito grupos sulfidrílica, em vez de dois grupos, como em outros mamíferos; além disso, o baço dos gatos é menos eficiente em reter os eritrócitos danificados presentes no sangue que nas demais espécies animais. Por isso, os gatos são mais suscetíveis à intoxicação por esse alimento (SALGADO; MONTEIRO; ROCHA, 2011; SPINOSA; GÓRNIK, 2020).

Outros alimentos que também podem causar intoxicação em pets são alho, cebolinha, abacate, uvas e passas, chocolate, dentre outros (GIANNICO *et al.*, 2014; LIRA *et al.*, 2014; WALLER; CLEFF; MELLO, 2013). As intoxicações em pets por alimentos humanos são consequência do desconhecimento dos perigos que alguns alimentos podem representar, bem como da proximidade da convivência dos pets com os tutores/responsáveis, o que favorece o acesso e a ingestão desses alimentos tóxicos.

A baixa ocorrência de intoxicações por alimentos é explicada pelo fato dos gatos apresentarem hábitos alimentares mais seletivos que os cães, com menor possibilidade de ingerirem alimentos que não estão presentes em sua rotina. Medeiros *et al.* (2009) ressaltaram que os felinos, além de mais seletivos que os caninos com sua alimentação, são capazes de recusar firmemente qualquer alimento com um odor que não lhes agrade.

## Intoxicação por Drogas de Abuso

Neste grupo foi observado um caso de ingestão de *Cannabis sativa*. Os sinais clínicos apresentados pelo animal foram episódios eméticos de líquido transparente, distúrbios comportamentais, sialorreia, anúria, midríase, decúbito e apatia. A maconha, nome dado no Brasil à *Cannabis sativa*, consiste nos caules, folhas e flores secos da planta, os quais são picados e consumidos pelos humanos por inalação (cigarros, cachimbos artesanais etc.) ou por via oral (chás, biscoitos etc.). O principal constituinte da maconha é o delta-9-tetraidocabinol (THC – agente psicoativo), além de mais de 70 canabinoides (FITZGERALD; BRONSTEIN; NEWQUIST, 2013; JANECEK *et al.*, 2018).

A exposição de animais às drogas ilícitas é pouco frequente na clínica veterinária, ocorrendo geralmente de maneira acidental e em situações de emergência (FITZGERALD; BRONSTEIN; NEWQUIST, 2013; JANECEK *et al.*, 2018). O tutor/responsável pelo animal geralmente reluta em admitir a ocorrência da exposição e, por isso, é importante que o médico-veterinário consiga obter a confiança do tutor/responsável para estabelecer onexo causal (exposição a droga ilícita) e reconhecer os sinais clínicos da intoxicação.

Por fim, no grupo “outros” consta o registro de um caso de ingestão de água de esgoto e outro de ingestão de violeta de genciana. A ingestão de água de esgoto foi relatada pelo tutor/responsável e o animal apresentou vários episódios eméticos e diarreia abundante. A intoxicação por violeta de genciana foi observada pelo médico-veterinário durante o atendimento devido resquícios do produto na região perilabial. Os sinais clínicos apresentados foram alteração comportamental, anorexia e adipsia, episódios eméticos, prostração (decúbito lateral), tremores, pulso fraco e desidratação.

Houve frequência considerável de casos de desconhecimento do agente tóxico (7,29% - 7/96, Tabela 2), explicadas pelas poucas informações apresentadas na anamnese, sendo relatado pelo tutor/responsável que encontrou o animal adoecido ou em óbito, não tendo sido realizado o exame toxicológico e/ou necropsia para confirmação dos casos de intoxicação.

## Conclusões

A frequência de ocorrência anual dos casos suspeitos de intoxicação em gatos no Hovet-USP, no período de 2020 a 2021, situou-se entre de 0,71% a 2,68%. Os principais agentes responsáveis foram os praguicidas anticolinesterásicos e os medicamentos, com maior frequência dos Aines, em geral, administrados pelo próprio tutor/responsável pelo animal, sem a orientação do médico-veterinário. Também houve casos em que não foi identificada a substância envolvida, o que dificulta a abordagem terapêutica, permitindo apenas o tratamento sintomático, sem que se atue na causa subjacente. Essas informações são relevantes para capacitação dos profissionais da área do pronto-atendimento, pois o conhecimento das causas mais frequentes de intoxicação facilita o estabelecimento do diagnóstico e permite uma abordagem terapêutica mais adequada para a ocasião. Além disso, permite o estabelecimento de medidas preventivas destinadas a evitar novos casos de intoxicação, com especial destaque para conscientização dos tutores/responsáveis pelos animais sobre os cuidados a serem tomados com produtos potencialmente tóxicos. &



## Referências

- ABINPET. **2020 mercado pet Brasil**. Disponível em: [http://abinpet.org.br/wp-content/uploads/2020/06/abinpet\\_folder\\_2020\\_draft3.pdf](http://abinpet.org.br/wp-content/uploads/2020/06/abinpet_folder_2020_draft3.pdf). Acesso em: 23 fev. 2022.
- ANJOS, T. M.; BRITO, H. F. V. Terapêutica felina: diferenças farmacológicas e fisiológicas. **MEDVEP - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação**, Curitiba, v. 7, n. 23, p. 554-567, out./dez. 2009.
- ASHMAWY, N. S. *et al.* The genus *Polyscias* (Araliaceae): a phytochemical and biological review. **Journal of Herbal Medicine**, v. 23, e100377, Oct. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.hermed.2020.100377>.
- BILGILI, A.; HANEDAN, B.; UYSAL, M. Poisonous plants for cats and dogs kept in house 1: *Dieffenbachia* spp., *Melia azedarach*, *Ricinus communis*, *Euphorbia pulcherrima*, *Narcissus* spp. **Current Perspectives on Medicinal and Aromatic Plants**, v. 3, n. 2, p. 104-112, 2020. DOI: <https://doi.org/10.38093/cupmap.828624>.
- DORIGON, O.; ALMEIDA, A. C. V. R.; COSTA, F. V. A. Intoxicação por paracetamol em gatos. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 12, n. 1, p. 88-93, 2013.
- FIGHERA, R. A. *et al.* Intoxicação experimental por cebola, *Allium cepa* (Liliaceae), em gatos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 79-84, abr. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-736X2002000200008>.
- FITZGERALD, K. T.; BRONSTEIN, A. C.; NEWQUIST, K. L. Marijuana poisoning. **Topics in Companion Animal Medicine**, v. 28, n. 1, p. 8-12, Feb. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1053/j.tcam.2013.03.004>.
- FREITAS, V. S.; RODRIGUES, R. A. F.; GASPI, F. O. G. Propriedades farmacológicas da *Aloe vera* (L.) Burm. f. **Revista Brasileira de Plantas Medicináveis**, Botucatu, v. 16, n. 2, p. 299-307, jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722014000200020>.
- FUKUSHIMA, A. R. *et al.* Identificação e quantificação da presença do carbamato aldicarbe por cromatografia líquida de alto desempenho acoplada a detector de arranjo de diodos (HPLC-DAD) em conteúdo estomacal de cães e gatos. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 42, abr. 2015.
- GIANNICO, A. T. *et al.* Alimentos tóxicos para cães e gatos. **Colloquium Agrariae**, Presidente Prudente, v. 10, n. 1, p. 69-86, jan./jun. 2014.
- GONÇALVES-JÚNIOR, V. *et al.* Identificação do carbofurano em amostras oriundas de animais com suspeita de intoxicação encaminhadas ao laboratório de diagnóstico toxicológico (LADTOX). **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 48, 2016.
- HOVDA, L. R.; HOOSER, S. B. Toxicology of newer pesticides for use in dogs and cats. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 32, n. 2, p. 455-467, Mar. 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/s0195-5616\(01\)00013-4](https://doi.org/10.1016/s0195-5616(01)00013-4).
- JANECZEK, A. *et al.* Marijuana intoxication in a cat. **Acta Veterinaria Scandinavica**, v. 60, n. 44, p. 1-4, July 2018. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13028-018-0398-0>.
- KIETZMANN, M. *et al.* Tolerance and pharmacokinetics of cephalixin in cats after oral administration. **Journal of Small Animal Practice**, v. 33, n. 11, p. 521-525, Nov. 1992. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1748-5827.1992.tb01043.x>.
- LIRA, R. N. *et al.* Intoxicação por chocolate amargo em um cão: relato de caso. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 82, nov. 2014.

MEDEIROS, R. J. *et al.* Casos de intoxicações exógenas em cães e gatos atendidos na Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense durante o período de 2002 a 2008. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 39, n. 7, p. 2105-2110, out. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782009005000151>.

MELO, M. M.; OLIVEIRA, N. J. F.; LAGO, L. A. Intoxicações causadas por pesticidas em cães e gatos: parte I: organoclorados, organofosforados, carbamatos e piretróides. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 188-195, jul. 2002. DOI: <https://doi.org/10.36440/recmvz.v5i2.3273>.

RIBOLDI, E.; LIMA, D. A.; DALLEGRAVE, E. Sensibilidade espécie-específica aos anti-inflamatórios não esteroidais: humanos X animais de companhia. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 64, n. 1, p. 39-44, fev. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-09352012000100006>.

SALGADO, B. S.; MONTEIRO, L. N.; ROCHA, N. S. Allium species poisoning in dogs and cats. **Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases**, Botucatu, v. 17, n. 1, p. 4-11, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-91992011000100002>.

SALLES-GOMES, C. O. M.; GARCIA, J. S.; SPINOSA, H. S. Toxicologia dos medicamentos. *In*: SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; PALERMO-NETO, J. **Toxicologia aplicada à Medicina Veterinária**. 2. ed. Barueri: Manole, 2020. p. 109-128.

SANTOS, K. C. *et al.* Medicamentos de uso humano e sua prescrição para animais domésticos. **Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG**, v. 4, n. 2, p. 207-217, dez. 2021.

SINITOX - Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L. Alimentos tóxicos para animais. *In*: SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; PALERMO-NETO, J. **Toxicologia aplicada à Medicina Veterinária**. 2. ed. Barueri: Manole, 2020. p. 297-303.

TEIXEIRA, L. G. *et al.* Uso de dipirona em gatos na América do Sul: pesquisa. **Pubvet**, Maringá, v. 12, n. 12, a232, p. 1-4, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v12n12a232.1-4>.

WALLER, S. B.; CLEFF, M. B.; MELLO, J. R. B. Intoxicações em cães e gatos por alimentos humanos: o que não fornecer aos animais? **Veterinária em Foco**, Canoas, v. 11, n. 1, p. 59-74, jul./dez. 2013.

XAVIER, F. G.; KOGIKA, M. M.; SPINOSA, H. S. Common causes of poisoning in dogs and cats in a Brazilian veterinary teaching hospital from 1998 to 2000. **Veterinary and Human Toxicology**, v. 44, n. 2, p. 115-116, 2002.

XAVIER, F. G.; RIGHI, D. A.; SPINOSA, H. S. Toxicologia do praguicida aldicarb ("chumbinho"): aspectos gerais, clínicos e terapêuticos em cães e gatos. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 37, n. 4, p. 1206-1211, ago. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782007000400051>.

Recebido: 11 de maio de 2022. Aprovado: 28 de julho de 2022.